

O tecido como abrigo

Os objetos de Martinho Patrício reunidos nessa mostra são feitos quase de tecidos somente: veludo, cetim ou linho; alguns lisos, outros tramados em bicos, crepes ou rendas. São trabalhos representativos de pouco mais de dez anos de atividade, nos quais o artista criou uma obra singular na arte brasileira contemporânea. Tendo iniciado, na segunda metade da década de 1980, como pintor fortemente influenciado por diversos matizes da arte construtiva (suprematismo, arte concreta, neoplasticismo), logo se deixou impregnar pelo acento forte das coisas que o cercam em seu lugar de origem (Paraíba), promovendo o amolecimento gradual da rigidez construtiva diante da maciez da matéria eleita para uso. Atualiza e expande, assim, o projeto neoconcreto brasileiro, o qual buscava contrapor-se à exacerbação racionalista da arte e torná-la em algo perto da experiência vivida.

A utilização do tecido como suporte privilegiado desses trabalhos se ancora em referências fortes do cotidiano do artista, desde cedo cercado por um repertório variado de formas litúrgicas e lúdicas feitas de engenho e pano. Embora próximas a formas construtivas cultas, essas outras formas não são fixas ou rijas, cedendo ao sopro do vento e à proximidade do corpo humano. No inventário das coisas mundanas e sagradas que o animam a transpor o seu entorno para o universo da construção artística, Martinho Patrício inclui o fascínio com o acetinado colorido das cortinas dos cabarés de vila e com os vestidos de tecido nobre usados nas quermesses de domingo; com as rendas que enfeitam os altares dos santos e com os adereços de cores vibrantes das festas populares de rua; com os ornamentos dos rituais afro-brasileiros e com os paramentos usados nas missas. E é por meio do corte, da dobra e da costura de panos que o artista promove a junção original desses elementos vernáculos aos códigos simbólicos construtivos, aproximando o que parece distante e criando uma obra única, a qual atá ainda cor e volume.

A exposição não pretende apresentar o percurso cronológico da elaboração desse vocabulário plástico híbrido, mas pontuar, com trabalhos de vários períodos, justamente o embaralhamento de referências diversas que a obra de Martinho Patrício tem promovido ao longo dos anos. Os trabalhos *Danúbio Azul I e II* (1996) são exemplares desse procedimento, pois fazem confluir, em um mesmo objeto, alusões aos ornamentos de casas noturnas populares, à disposição solene de tecidos usados em liturgias e também à pintura construtiva. Já as duas séries de *Cardeais* (1996) – uma feita de tecidos pretos e a outra feita de tecidos brancos – aludem, para o olhar secular e ligeiro, a vestimentas religiosas e a paramentos de missa. Por não corresponderem a modelo eclesástico algum, são destituídas contudo de tal referência de uso, como se fossem formas quaisquer costuradas ou mantos de festejos profanos.

O encanto com as construções formais religiosas se expressa ainda nos trabalhos realizados com pequenos fuxicos de cetim (*Máscara I e II*, 2001), fixados um a um na parede de modo a desenharem imagens que muito se assemelham às insígnias dos orixás. Além de aproximarem Martinho Patrício de um outro artista que aliou a herança construtiva à iconografia criada no candomblé – Rubem Valentim –, tais trabalhos fazem do sincretismo que marca essa religião índice do desejo de mistura em que a sua obra se funda. Seguindo essa trama de significados sobrepostos, o conjunto de pequenas *lêdas* (2002) aqui reunidas – feitas de pedaços e tiras de cetim encimadas por rendas e espelhos – cruza, na matéria e na forma, origens simbólicas diversas, desde os adereços usados em brincadeiras do Boi e em danças de Reisado aos estandartes que os fróis carregam nas procissões de santos. Em outra série de trabalhos (*sem título*, 1999), panos vermelhos rendados são costurados sobre outros lisos e presos à parede com suas pontas unidas; são moldados, dessa forma, em pequenos volumes moles cujos rasgos ou fendas seduzem o corpo e enredam o pensamento nos vários sentidos que podem neles ser inscritos. De texturas ásperas e formas pouco firmes, esses trabalhos exalam uma sensualidade vibrante que logo, entretanto, se torna rala e ambígua. Já em conjunto de objetos novos (*sem título*, 2002), as muitas dobras nos recortes de tecidos brancos os aproximam formalmente das mitras usadas por bispos e papas em solenidades pontificais; remetem ao mesmo tempo, entretanto, aos *contra-relevos* e *casulos* de Lygia Clark e aos *relevos espaciais* de Hélio Oiticica, artistas cujos legados são reconhecidos por Martinho Patrício como vitais para a sua obra. Vermelhos ou brancos, os trabalhos de ambas as séries replicam, por fim, uma característica presente em vários de seus objetos, que é a presença de algo – bolsos, dobras, avessos, cortes – que guarda dos olhos algum segredo e faz do tecido abrigo.

Cloth as cloak

Martinho Patrício uses different sorts of cloth in most of the objects assembled in this exhibition: velvet, satin or linen cloth; some are smooth, others use needle-point lace bands, crepe or different varieties of lace. These objects represent his production spanning the period of a little more than ten years during which the artist has succeeded in creating a unique work within the scene of contemporary Brazilian art. He started painting in the second half of the '80s and was strongly influenced by different aspects of constructivist art (suprematism, concrete art, neo-plasticism), and from the very beginning he was impregnated by the strong appeal of the things from his native Paraíba. He gradually softened the constructive rigidity and this was made possible by the smoothness of the materials he chose. As a result of this he updated and expanded the Brazilian project of neo-concretism, which sought to oppose itself to the rationalistic excesses of art, trying to approximate it to living experience.

The choice of cloth as the privileged material for these works is supported by the strong references from the artist's background whose varied repertory, from the very start, is both liturgical and playful and its stuff is both cloth and ingenuity. Even through these forms are akin to the cult forms of constructivist art, they are neither fixed nor strict and yield to the blowing wind and to the contact with the human body. Martinho Patrício's fascination with the colourful glossy curtains of small town brothels, and with the fancy materials of the dresses worn on Sunday bazaars is included in the inventory of things, both worldly and sacred, which encourage him to go beyond his immediate environment into the universe of artistic construction. He is also fascinated with the laces covering saints' altars and the vibrant colours of the decoration used in the popular street revels. And he is fascinated with Afro-Brazilian rituals and with mass vestments. The artist's originality blends these vernacular elements with symbolic codes of constructivist art through the patterning, folding and sewing of the cloth, and succeeds in approximating what seems quite distant art first sight, thus creating this unique work to which he adds colour and volume.

It is not the aim of this exhibition to trace a chronology of the development of the artist's vocabulary, at the same time plastic and hybrid. By showing works from different periods, the emphasis is placed on the mixture of references Martinho Patrício has resorted to throughout the years. *Danúbio Azul I and II* (1996) exemplify this procedure in the sense that one can identify allusions to the decoration of small town brothels, together with the solemn display of the cloths worn at liturgic ceremonies, side by side with examples of constructive painting in one single object. On the other hand, in two other series of objects entitled *Cardeais* (1996) – one of them is made of some black fabric, the other is white – the hurried, secular viewer identifies allusions to religious and mass vestments. The fact that they do not correspond to any particular ecclesiastical model makes them devoid of reference as to their usage, as if they were some sort of mantle worn by secular revellers.

This fascination with formal religious constructions is expressed again in those works in which the artist uses small satin sewn circles, *Fuxicos*, (*Máscara I and II*, 2001), which are individually nailed to the wall according to a pattern that reminds one of the icons of the African divinities, the Orixás. These works link Martinho Patrício to another Brazilian artist who has also connected the constructive heritage to the icons of candomblé – Rubem Valentim. The syncretisms underlying this religion become the epitome of this drive towards mingling, which is the foundation of his work. The group of small *lédas* (2002) we can see here, follows this web of overlapping significations – they are made of small satin ribbons with pieces of looking glass and lace above them – and there is a crossing of different symbolic references both in form and content. There are references to the trinkets used by the *Boi* revellers, by *Reisado* dancers which are also present in the banners believers carry in religious processions.

In a different series of works (*Untitled*, 1999), we find red lace sewn over black plain cloths, which are nailed onto the wall; their ends are tied up into a knot; they are shaped into small soft volumes with chinks that, at the same time, allure the body and ensnare the mind, due to the many meanings they hint to. The rough textures and undetermined shapes of these objects exude a vibrant sensuality that soon becomes rarefied and ambiguous. In the group of new objects (*Untitled*, 2002), the many folds in the indentures in the white cloths, formally link them to the mitres worn by bishops and popes at ceremonial occasions. At the same time, they also send us to Ligia Clark's *Contra-Relevos* and *Casulos* and to Hélio Oiticica's *Relevos Espaciais*, artists whose legacy Martinho Patrício acknowledges as vital to his work. Either red or white, the works that constitute both series replicate, in the long run, one single feature that is present in many of his objects: there is always something there: pockets, folds, the wrong side out or indentations hiding some secret away from the viewer's eyes and thus the cloth becomes some sort of cloak.